

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

01.02.95

MILTON GURAN - Estamos em Cotonu, no 1º de fevereiro de 1995, com Francisco de Souza, que não tem ainda 18 anos. Ele está no liceu e ele é brasileiro, filho de Félix de Souza. Francisco, diz uma coisa, seu pai se chama Félix e sua mãe, como ela se chama?

FRANCISCO DE SOUZA - Ela chama Charlotte Zisoxohou.

MG - Então ela não é brasileira?

FS - Ela não é brasileira, ela é de Sèmè Kpodji.

MG - Sèmè Kpodji é onde mesmo?

FS - É um vilarejo de Cotonu. É a localidade que separa Cotonu de Porto Novo. Não é um vilarejo, é uma subprefeitura. O nome Sèmè Kpodji é o nome do maior centro da subprefeitura de Sèmè Kpodji. [Na verdade] Não é um vilarejo de Cotonu, mas uma subprefeitura de Ouèmè (sob a administração de Porto Novo). Melhor, do Benim.

MG - E os irmãos? Você tem irmãos e irmãs? Teu irmão mais velho, como ele chama?

FS - Ele chama William.

MG - E seus outros irmãos e irmãs, como eles se chamam?

FS - Os filhos de meu... Eu tenho um irmão mais velho que chama Eric de Souza. Minha irmã mais velha chama Carole de Souza. A pequena, ela chama Christel de Souza.

MG - Diz uma coisa, as pessoas te chamam de Francisco? Qual é o acento do teu nome?

FS - Não, eles me chamam de Franciscô, mais em francês, *quoi*<sup>1</sup>.

MG - É interessante, porque aqui as pessoas falam Francisco, Monteiro, não é?

FS - Mas o nome Francisco, eles não compreenderam direito. Para eles, Francisco deve ser um nome de família e não um nome próprio. Tem Marius Francisco (o ministro da Comunicação), tem gente que tem Francisco como sobrenome. Mas, na escola, me chamam Fortunato Francisco.

---

<sup>1</sup> “Quoi”, o quê, no final da frase, é uma expressão francesa que equivale às brasileiras “ué”, ou “uai”, ou “ora”.

MG - Por quê?

FS - Francisco, quando eles chamam Francisco? Os outros acreditam que é o sobrenome que é Francisco. Eu, eu disse a eles que eu prefiro Fortunato, porque, no Benim, não têm muitos que chamam Fortunato.

MG - Mas de onde vem esse nome Fortunato?

FS - É um nome meu. Tenho nome composto. Francisco Fortunato de Souza.

MG - E quando as pessoas veem que você é brasileiro? Eles dizem mesmo assim que você é brasileiro? As pessoas dizem alguma coisa de você?

FS - Mas eles não aceitam diretamente que eu sou um brasileiro. Para eles, eu sou filho de escravos. Eles, eles não entendem. Eles não aceitam diretamente que sou brasileiro. Diretamente, Francisco Fortunato de Souza é brasileiro? Eles não podem dizer isso. Eu, eu sei que eu sou brasileiro. Minhas origens.

MG - E qual é a diferença entre um brasileiro e um filho de escravo? Quem tem um nome brasileiro?

FS - Eu, eu não vejo a diferença. Chamam-me filho de escravo, mas eu vejo que, no fundo, eu não sou escravo. Foi Chachá que nos colocou todos no mundo. Chachá não é um negro. É um branco, é um brasileiro. Ele casou com mulheres negras aqui. Nós somos presentemente negros. Então, eu posso dizer que eu não sou escravo. Eu não vejo a diferença entre um escravo e um brasileiro, ainda mais porque eles são todos os dois brasileiros.

MG - Sim, entendo. São os outros que chamam aqueles que têm um nome brasileiro de escravos? Então, tem essa diferença?

FS - Sim, sobretudo o nome De Souza. Quando você tem o nome De Souza, te tratam diretamente como escravo. Eles não dizem isso por mal, não, hein! É para rir, provocar.

MG - Fazer piadas. E chamam também de agudá as pessoas que têm nomes brasileiros? Agudá é xingamento?

FS - Não, não é malvado. Agudá é, digamos, talvez o filho do branco. Aquele que faz as coisas como o branco. É isso que chamamos de agudá. Ele tem a pele negra, mas no fundo ele é branco. Ele tem a ideia dos brancos.

MG - Tem uma coisa que eu quero perguntar. Tem, por exemplo, as pessoas que vêm do Norte, ele é ligado às histórias dos vilarejos do Norte, da região do Norte, e quase sempre, quando você pergunta alguma coisa, ele diz: “Ah, isso não é meu problema. Eu sou do Norte, eu não conheço isso”. Eu te pergunto: será que você, você sente diferente dos outros, ou será que você tem uma maneira de fazer as coisas que seja diferente daqueles que vêm do Norte?

FS - Tem uma diferença muito grande. Porque a forma como eu vejo as coisas, aquele do Norte não pode ver assim. Tomemos um exemplo. O aparelho ali, eu digo que é pequeno. Aquele que vem do Norte pode dizer que é pequeno? Depende da educação que você teve. Depende de como você passou sua vida. Se ele diz que é grande é porque ele nunca viu nada parecido. Ele só viu coisas pequenas. E eu, eu digo que é pequeno porque eu vi coisas grandes; e isso aí é pequeno. Então é exatamente isso. Eles, eles não podem ver a mesma coisa que eu. Eu mesmo, eu não posso ver a mesma coisa que eles. Não posso obriga-los a ver a mesma coisa que eu. Isso não me incomoda.

MG - Você tem amigos? Pessoas com quem você sai? Você sai com outros brasileiros?

FS - Sim. Tomemos o exemplo de Quonum. Eles não são brasileiros. Quenum, eles são de Aiudá. Quenum Mounier, Espinio de Souza, Virgilio de Souza, Julio de Souza, Antonio de Souza.

MG - Então, os seus amigos mais próximos são brasileiros? Eles não são fom, gom?

FS - Tem fom, tem gom, até Bukinabê (do Burkina Faso). Enfim, vou a casa deles e um dos parentes deles me pergunta meu nome. Eu digo meu nome. Ele não entende, ele diz: “Por que te deram esse nome aí?”. Eu digo, no fundo, eu sou brasileiro, é por isso que me deram esse nome, esse nome aí, eu devo usá-lo. Os 5 de outubro, os 4 de outubro, em Uidá, eu vou a uma festa lá. Uma festa da família De Souza. Eu, eu nasci dia 4 de outubro. Não, eu nasci dia 5 de outubro e a festa é 4 de outubro.

MG - E você sabe por que a festa é dia 4, Francisco?

FS - Não sei.

MG - Eu, eu vou te dizer. É o dia do nascimento do Chachá de Souza, dia 4 de outubro. Chachá de Souza nasceu dia 4 de outubro e é por isso que todos os 4 de outubro tem festa na família De Souza. Você nasceu quase no mesmo dia que Chachá. É bom isso.

FS - Quando vamos lá, tem fotos em toda parte. Se você pega, tem uma das fotos que, sobre essa foto aí, você vai ver Chachá Francisco Fortunato de Souza. É isso aí que interessou muito meu pai. Ele me disse: “Bom que ele vai me dar esse nome”. Mas, eu, eu pergunto: quem é realmente Francisco Fortunato de Souza?

MG - Precisa olhar no livro. Tem a árvore genealógica que Madame Simone de Souza fez. Nesse livro que é preciso olhar. Você tem esse livro em casa?

FS - A gente tinha isso. Papa me emprestou. As pessoas querem fotocopiar e, o senhor sabe, tem outros que não têm recursos.

MG - Mas, eu, eu vou olhar no livro. Diz uma coisa: você é católico?

FS - Sim!

MG - Sempre?

FS - Sim.

MG - Você fez a primeira comunhão?

FS - Se eu já fiz a confirmação?

MG - E o vodu? Você vê de vez em quando o padre<sup>2</sup> vodu, para discutir com ele, para perguntar coisas? Isso, eu, eu sou católico, mas eu vejo os padres vodus. Para mim, isso não é um problema.

FS - Eu nunca vi um padre vodu.

MG - Desculpe-me por te perguntar uma coisa pessoal. Você tem namorada? Ela é brasileira?

FS - Sim, mas ela não é brasileira.

MG - Então, tem brasileiros que se casam com brasileiras, e brasileiros que se casam com outras que não são brasileiras? O caso de teu pai e de tua mãe. Um dia, nós estávamos discutindo aqui e você me disse: “Bom, tem momentos onde parece que as pessoas aqui no Benim não compreendem bem, que você tem vontade de partir talvez ao Haiti, ao Brasil, etc”. Por que você acha que as pessoas não te entendem?

FS - O senhor sabe, no mundo, nesse mundo aqui, Deus pode te dar um dom. O dom de falar ou o dom de compreender rápido. Quando você fala com alguém, você fala assim e a pessoa não te entende, você ficará nervoso, ficará incomodado. Essa pessoa aí, ela não é do mesmo planeta que eu. E isso, isso te deixa louco. É por isso que eu vou deixar [aqui], porque aqui, como eu falo, as pessoas não entendem. Eu não sei se é porque eu tenho esse nome aí, mas é que eu tenho o dom de falar, de perguntar.

MG - E você tem a impressão que as pessoas não entendem.

FS - Exatamente.

MG - Tem uma coisa interessante. Você disse: “Porque eu tenho esse nome aí”. Quando você teve a consciência de ter um nome completamente diferente? Você era pequeno ou como foi?

FS - Desde o primeiro ano, porque no primeiro ano, chamam teu nome para designar as pessoas para varrer, para responder às perguntas. Quando a professora chama meu nome, todo mundo me olha, a forma como eles me olham, eu me digo: irmão, isso é o seu nome.

MG - Que faz a diferença. Entretanto, os brasileiros eles utilizam nomes brasileiros. Teus primos, Virgílio, etc., são nomes brasileiros, hein. Então, o nome faz a diferença. Então, os brasileiros são orgulhosos de serem brasileiros?

---

<sup>2</sup> O pesquisador usou o termo “prêtre”, ou seja, padre, para se referir ao sacerdote do templo vodu.

FS - Sim! Eu sou orgulhoso. Nós somos orgulhosos.

MG - Mesmo se isso pode colocar problemas.

FS - A única coisa que me faz mal é que os outros brasileiros nos esqueceram, nós, os De Souza. É como se eles tivessem nos esquecido.

MG - Por quê? Os outros brasileiros estão sempre juntos e os De Souza estão fora?

FS - Não, não é isso. A desvalorização, isso agiu sobre a gente, hein. Isso nos afetou. Sobretudo para nós que temos o hábito de comer coisas dos brancos. Agora, isso não funciona. Somos obrigados a comer as coisas deles lá. As coisas que eles comem aqui.

MG - Você pode me dar um exemplo das coisas dos brancos?

FS - A gente comia isso. Tinha dinheiro, tinha tudo isso. Depois da desvalorização, isso não dá mais.

MG - Quando você diz que os outros esqueceram de vocês, são os brasileiros do Brasil, não é? Do outro lado do Atlântico?

FS - É isso. Tem outros que não sabem que tem De Souza no Benim.

MG - Ah, é verdade. Eu, eu estou aqui para contar para todo mundo.

FS - Tem outros que sabem, mas eles não querem que a gente diga que tem outros, porque se a gente diz que tem irmãos de Souza na África, é preciso que a gente cotize para ajudá-los para a festa do dia 4 de outubro, para que seja pelo menos bom. Porque chamamos os De Souza que estão no Benim de brasileiros, é ainda uma honra dos brasileiros do Brasil. Temos a impressão de que eles nos esqueceram.

MG - O que eu posso fazer é o que eu faço. A história dos De Souza e dos outros brasileiros. Lá no Brasil, para fazer exposições, para fazer livros, para fazer artigos, para fazer conhecer no Brasil os brasileiros do Benim. Eu te pergunto uma coisa: vocês, os brasileiros do Benim, têm festas das associações de brasileiros ou um momento onde vocês se encontram, não?

FS - Claro, sobretudo próximo à festa do dia 4 de outubro. Encontramos-nos pelo menos dez vezes por mês, nos dois meses [antes] da festa, para prepará-la.

MG - Esses são os De Souza. Os outros brasileiros, os Monteiro, os Gomes, eles também estão lá?

FS - No Benim são somente os De Souza que se reúnem. Os Monteiro, eu acho que isso não os interessa. Eles usam somente o nome. Eles não conhecem o valor do nome deles.

MG - Os Da Silva. Mas Da Silva é o cônsul honorário do Brasil no Benim.

FS - Não recusamos. Mas vendo-os, sobretudo os Da Silva de Cotonou, eles, isso não diz nada para eles. O fato de dizer para eles: vocês são brasileiros – eles, eles pegam isso assim.

MG - Você já foi à festa da Burrinha?

FS - Onde? Em Porto Novo? Não.

MG - É interessante, porque eles cantam canções em brasileiro.

FS - Eu conheço algumas canções. Papa me comprou as fitas cassetes.

MG - Então. Ah, não, porque eles cantam canções muito velhas. Eu gravei também.

FS - Papa, ele gravou assim, eles cantaram e ele gravou.

MG - Agora você tem o presidente da República, ele é casado com uma brasileira Vieira. Bom, o ministro mais forte, o primeiro ministro, ministro de Estado, é também um Vieira. Tem um De Souza que é bispo de Cotonou, Monsenhor Isidore de Souza. Todos esses brasileiros em posição de poder, como você vê isso enquanto brasileiro?

FS - É uma honra. Vendo eles, as pessoas não sabem que quando você tem esse nome, eles, para eles, essas pessoas são beninenses, mas, no fundo, eles são brasileiros. Tomemos o exemplo da Mandame Rosine Vieyra Soglo. Seu comportamento, sentimos que ela é brasileira. Ela ama sua origem.

MG - O que sentimos nela para dizer que ela é brasileira? Olhamos para ela e dizemos que ela é brasileira. Por quê? Qual é a diferença dela e de outras mulheres?

FS - A diferença... Não peguemos seu sotaque ou modo de falar. O fato de ser caridosa, ao menos aí ela é diferente. Podemos classificar isso no campo dos brasileiros. O senhor, agora, o senhor me deu esse endereço por caridade. Isso mostra que o outro dá e desde já ela vos recopia.

MG - Então a caridade é uma característica que encontramos mais entre os brasileiros do que entre os fom, os gom, etc.?

FS - É isso. As pessoas dizem que Rosine Vieyra Soglo... falam dela isso, aquilo. É falso. Tudo o que ela quer é o desenvolvimento do país. Ela ama, ao menos, o que podemos chamar seu país. Se não, no fundo, o Benim não é nosso país.

MG - Quando você vai a casa de pessoas que são brasileiras, alguém que é brasileiro, você pensa que essa casa é diferente da casa de alguém que é beninense, que é gom, que é fom, ou do Norte, alguma coisa assim? Ou as casas são iguais?

FS - No começo, tinha uma diferença, sobretudo quando somos dois brasileiros. Digamos, uma De Souza que se casa com um Da Silva, dá certo, a casa está limpa. Mas quando um De Souza se casa com uma gom, uma fom, vemos uma diferença muito grande.

MG - Ao nível do quê? Dos móveis, da arrumação, se está limpo ou sujo? É o quê?

FS - É limpo. Mas as mulheres De Souza elas amam o “*chi-chi*”, a classe; expor as coisas no salão para que a gente veja como é bonito. Enquanto que as outras, elas fazem o que elas fazem. As pessoas vão dizer que estou comendo dos outros. Vão dizer: “Essa mulher aí, isso não é bom. Vou guardar as coisas à parte para que os outros não venham”, *quoi*. Bom, se as pessoas vão a casa dela, bom, ela tem muitas coisas. [E] eles vão tradicionalmente eliminá-las. Eles têm medo, *quoi*.

MG - Elas têm medo de mostrar que elas têm muitas coisas, porque os outros têm medo dessa riqueza e vão fazer *gris-gris*<sup>3</sup>. Quando você fala de eliminar, é fazer *gris-gris*? Eles não têm medo de *gris-gris*, os De Souza?

FS - Os De Souza não acreditam nisso.

MG - Tem um livro que se chama *Le viu poi l'Ouidah*<sup>4</sup>. É a história da vida do De Souza. O livro foi escrito por um inglês e tem uma tradução francesa. Eu vou marcar num papel para você e você pedirá na livraria Notre Dame. Eu tenho na França, vou pensar em trazê-lo. É a vida de Francisco Félix de Souza. Então, os De Souza não têm medo de *gris-gris*. É por isso que os brasileiros expõem as coisas e os outros as escondem. Às vezes, nos vilarejos, você vê, eu parti para os vilarejos Fon. Tem o *Legba* diante de todas as casas, sabe? Você nunca viu um *Legba*. O *Legba* tem um phalus. Você sabe o que é um phalus? Um phalus é um sexo de homem em ereção. Isso é o fetiche. Se você encontra os fetiches... Nas casas dos brasileiros é normal encontrar fetiches? Não?

FS - Não. O senhor foi a minha casa. Os fetiches estão fora da minha casa. Nós não fazemos essas coisas aí. Os brasileiros não têm essa tradição.

MG - Na sua família vocês falam fom entre vocês?

FS - Sim, mas, sobretudo, gom. É por causa da minha mãe. As pessoas que falam gom, é por causa da mãe deles.

MG - Ah, eu vejo uns falando fom, outros falando gom. O que se fala em Uidá é o fom.

FS - Falamos os dois.

MG - Chachá de Souza, ele falava o fom, e eu acho que ele falava também o gom, pois ele fazia muito comércio com Porto Novo.

FS - Tem também alguns De Souza que falam mina.

MG - Ah, esses são os De Souza do lado do Togo? Em geral, todos os De Souza compreendem o fom? Será que nas outras casas de beninenses que não são brasileiros, será que você encontra fetiches?

---

<sup>3</sup> Gris-gris = mandingas.

<sup>4</sup> A palavra foi rasurada e na entrelinha foi anotado “Le viu Poi”, e “Ouidah”.

FS - Em Cotonou é raro, digamos, nos cantos distantes, isolados, vemos fetiches, etc.

MG - Eu, eu estou aqui, escuto a rádio, leio os jornais, mas tenho dificuldade em compreender a política beninense. Madame Soglo é Vieyra, Désiré Vieyra, as pessoas da rua, eles os chamam de agudá? Como é isso?

FS - Madame Rosine Soglo é tratada como a mulher do presidente. Désiré Vieyra, ela também é tratada assim (ministro).

MG - O povo em geral, vendo o nome da família Vieyra, não diz “esse é um escravo, agudá, um escravo”?

FS - Tem outros que dizem isso. Mas o fato de dizer “escravo” aí, isso não incomoda.

MG - Porque eles não conhecem a história da família?

FS - Quando alguém me trata de escravo eu sei que esse aí não vale nada. Se você não tem provas, não deve falar. Se você tem as provas e me chama de escravo, isso não vai me incomodar.

MG - Mas você não é escravo, hein. Porque a escravidão acabou. Mesmo as pessoas cujos pais e mães eram escravos, eles nasceram livres. É uma coisa que acabou. É preciso fazer de tudo para eliminar a ideia que um homem pode ser escravo de outro. Somos todos irmãos e irmãs, ora.

FS - Na escola, quando falam do tráfico negreiro, fico um pouco incomodado.

MG - Por quê?

FS - Porque quando o professor fala assim, é como se tudo o que ele diz, ele diz para mim. Mas, no fundo, não é isso. Esses sujeitos, eu os tomo como se fossem eu, *quoi*.

MG - Você se sente envolvido.

FS - Sim.

MG - Mas você sabe, Chachá de Souza estava envolvido com o tráfico de escravos. Ele também fez o tráfico. É por isso que você se sente envolvido. Você não é descendente de escravo, seus ancestrais estavam talvez envolvidos nesse tráfico. Foram eles, não foi você. Acabou, já faz muito tempo.

FS - Mas é para te fazer sangue ruim que as pessoas falam disso. Eu, eu não enervo.

MG - Será que tem alguma coisa que você possa dizer sobre a cultura brasileira em geral, a particularidade de ser brasileiro? Não? Você tinha me falado que queria ir para o Haiti, para o Brasil? Ir ao Brasil, eu compreendo. Você quer falar e as pessoas não entendem, mas eu entendo que você quer ir ao Brasil porque você é brasileiro. Mas e o Haiti? Por que você quer ir ao Haiti?

FS - Lá, passou na televisão, tem algumas palavras fom que eles usam lá. Vou pelo menos me sentir bem. Haiti, tudo isso aí. Porque encontramos negros lá. Haiti é como um grande Benim. Tem dinheiro lá.

MG - O Benim é maior do que o Haiti. Você, você se sente brasileiro porque o fundador de tua família é um brasileiro. Você sabe muito bem que você é brasileiro, você não é fom, você não é gom, e agora você ouve na televisão no Haiti palavras fom, então você se sente um pouco em sua casa em um grande Benim porque tem palavras fom. Palavras fom aqui no Benim, isso não te interessa. Você se acha brasileiro?

FS - Quando Chachá veio ao Benim, ele se instalou em Uidá. É por isso que falamos fom. Se ele tivesse partido se instalar em Porto Novo, falaríamos gom. O senhor sabe, nós somos da Bahia.

MG - Eu, eu quero conhecer a cultura brasileira no Benim. Eu não sei qual questão vou te colocar. É preciso que você me fale dessa cultura.

FS - Eu não posso te falar dessa cultura, ainda mais porque cada família tem uma cultura. Os De Souza se encontram muito raramente.

MG - E as maneiras de fazer? Quando um brasileiro é casado com uma brasileira, a casa é bonita, limpa, isso é uma maneira de fazer as coisas. Será que tem outras maneiras de fazer coisa que pensamos serem brasileiras?

FS - Quando nós pegamos as crianças de dois brasileiros, quando um brasileiro se casa com uma brasileira, as crianças, falamos com elas em francês. Se eles compreendessem o brasileiro, é isso que falaria para ele.

MG - Os brasileiros sempre vão à escola. Não existem brasileiras que não vão à escola no Benim?

FS - Não, salvo se o pai recusou a criança. Ele colocou a criança no mundo e a criança está presentemente com a mãe, a mãe não tem meios de colocar a criança na escola, a criança fica em casa para fazer o comércio com sua mãe. Mas sentimos uma diferença muito grande entre essa criança e as crianças que foram à escola.

MG - Ah, sim! Uma criança que não vai à escola não conhece muitas coisas.

FS - Cada vez que ele vai te colocar uma questão, são besteiras. Porque, para ele, você vai à escola, ele vai te perguntar. Mas percebemos isso no Benim entre os De Souza, eles colocam no mundo muitas crianças que eles recusam entre os De Souza e os fom, e os gom. Tem certos De Souza, se eles colocam no mundo crianças acidentalmente, e se eles constatarem que nessa família um pouco de [?] <sup>5</sup>. Eles vão fugir. É fugindo assim, bom, a mamãe vai segui-lo, mas ele vai dizer: “Ah, não. Deixa-me. Na sua família matam pessoas. Tem muitos gris-gris”. Então, a mamãe vai ficar no canto dela e educar o filho da sua maneira. É isso que causa o fato.

---

<sup>5</sup> Espaço vazio

MG - Essa criança aí ela vai ter o nome De Souza?

FS - Não. Ela tem o nome De Souza.

MG - Ele tem o nome de Souza. Você conhece isso, falavam na escola, no livro de história quando falam de brasileiros, de escravos que voltaram ao Benim, etc., ou não falam disso na escola?

FS - Falam disso. Está escrito nos livros. Temos até lições sobre isso.

MG - E as lições são escritas no livro de história?

FS - Sim.

MG - É em que nível? Segundo ano? Terceiro ano?

FS - É no ensino longo. Sexta, quarta<sup>6</sup>, etc. Na realidade, desde o ensino primário, no curso médio até a segunda série do ensino secundário (colégio liceu) tratamos do tema da escravidão.

MG - Eu vou procurar na livraria para ver o que isso pode dar.

FS - Até fizemos um dever sobre o tráfico de negros.

MG - Na escola? O que falam do tráfico negroiro?

FS - Dizem que tem um homem, é ele mesmo que escreveu o livro, esqueci o nome. Ele era muito jovem e as pessoas vieram buscá-lo e o levaram. Ele se encontra em um barco fechado em alguma parte. O que o deixava nervoso é que seus irmãos não fizeram nada para salvá-lo, para libertá-lo, *quoi*. É isso que realmente o incomodou. Ele viu que esses escravos, eles tinham armas. Se seus irmãos quisessem realmente libertá-los, eles iam matá-los. Dizem que no meio do caminho ele morria.

FIM

---

<sup>6</sup> No ensino francês a sexta série corresponde ao sexto ano do secundário brasileiro, mas a sequência que se segue na França é decrescente: no lugar do nosso sétimo ano, vem a quinta série, terceira, etc. até a terminal (9º ano).